



## O DEFINIDO FRACO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA PERSPECTIVA EXPERIMENTAL

## THE WEAK DEFINITE IN BRAZILIAN PORTUGUESE: AN EXPERIMENTAL PERSPECTIVE

Thaís Maíra Machado de Sá  
Isabela Vilela

### RESUMO

Investiga-se o comportamento do definido fraco em contraste ao genérico em português brasileiro por reaplicação de experimentos originalmente em inglês, contribuindo para o debate sobre o papel do artigo definido no valor composicional de uma sentença. Carlson e Sussman (2005) defendem a existência do definido fraco, que não teria a unicidade proposta por Russell (1905). Aguilar-Guevara e Zwarts (2013) defendem que o fraco seria equivalente ao genérico, mantendo a unicidade. Foram reaplicados quatro experimentos *off-line* em português, que reafirmaram que fracos e genéricos são distintos, sendo fracos, fortes e genéricos três categorias de definitude. Ademais, reaplicar os experimentos também nos permitiu observar o definido fraco no contexto desta língua. Dessa forma, os experimentos reaplicados permitiram observar diferenças quantitativas relacionadas aos três tipos de definido e qualitativas que apontam diferenças entre as línguas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Definitude; Definido genérico; Definido fraco; Experimental

### ABSTRACT

*We aim to investigate the behaviour of the weak definite in contrast with the generic definite in Brazilian Portuguese by reapplying experiments originally conducted in English. Carlson and Sussman (2005) support the existence of weak definites, which would not have the uniqueness property proposed by Russell (1905). Aguilar-Guevara and Zwarts (2013) argue that the weak definite would be equivalent to the generic definite that possesses uniqueness. Four off-line experiments were reapplied in Portuguese, confirming that weak and generic definites are different, and that weak, regular and generic definites make up three distinct categories of definiteness. The experiments also enabled us to observe the weak definite in this language context. The replicated experiments allowed us to observe quantitative differences related to the three kinds of definites and qualitative disparities between the languages.*

**KEYWORDS:** *Definiteness; Generic definite; Weak definite; Experimental*

### Introdução

Uma das conhecidas funções do artigo definido é a sua propriedade de atribuir *unicidade*<sup>11</sup> ao nome que ele determina. A unicidade, proposta por Russell (1905) e corroborada por Strawson (1950)<sup>12</sup>, é uma particularidade em que a quantificação do nome “o X” (sendo X qualquer expressão nominal) acarreta que referência de X seria uma única entidade no mundo. Um exemplo seria “o hospital”, em (1), que apresenta a propriedade da unicidade por remeter-se a um único hospital no mundo que foi bloqueado por trabalhadores.

(1) Trabalhadores bloquearam *o hospital* para protestar contra as demissões.

O *definido regular* ou *definido forte*, que apresenta a propriedade da unicidade, seria visto como a leitura tradicional do sintagma nominal determinado pelo artigo definido até hoje, especialmente nos estudos de semântica formal (cf. ROBERTS, 2003; ABBOT, 2004).

Contudo Carlson e Sussman (2005) observaram que o definido (sintagma nominal determinado por um artigo definido) também poderia apresentar outra leitura, que os autores chamaram de *definido fraco*<sup>13</sup>. O definido fraco, como “o hospital”<sup>14</sup> em (2), não apresentaria a propriedade da unicidade, não exibindo um referente unicamente identificável, pois não remete a um único hospital no mundo: Maria pode ter ido a qualquer hospital, não sendo relevante a delimitação de um referente único no mundo para alcançar o significado da sentença.

(2) Maria foi *ao hospital* nesta manhã.

Reconhecendo a distinção entre definidos fracos e regulares, mas em uma tentativa de preservar a propriedade da unicidade, Aguilar-Guevara e Zwarts (2010, 2013) propõem que os definidos fracos seriam uma manifestação de *definidos genéricos*. Dessa forma, os autores defendem que o fraco apresentaria a propriedade da unicidade, contudo seria a

<sup>11</sup> Em inglês: *uniqueness* (RUSSELL, 1905, p. 481).

<sup>12</sup> Strawson discorda de alguns aspectos da análise de Russell, como a perspectiva denotacional, contudo concorda que o sintagma nominal definido denota um único referente (STRAWSON, 1950, p.320).

<sup>13</sup> Anterior a Carlson e Sussman (2005), Poesio (1994) já havia nomeado como definido fraco (*weak definites*), questionando a unicidade de Russell (1905) e a familiaridade de Heim (1982). Para o autor, em sentenças como: "John pegou esses dados do aluno de um linguista" (em inglês: "*John got these data from the student of a linguist*"), não há necessidade de se ter familiaridade com aluno para se compreender a sentença ou necessidade de um único indivíduo ser caracterizado como o aluno de um linguista. Carlson e Sussman extrapolaram a ideia de Poesio ao alegar que o fraco não possui unicidade.

<sup>14</sup> Apesar de o exemplo trazer a forma preposicionada “ao hospital”, nossa análise está interessada no sintagma nominal determinado “o hospital”, contido no sintagma preposicionado. Outros exemplos como esse aparecem no texto e pedimos atenção ao fato de que o que está em análise é o sintagma determinado pelo artigo definido.



unicidade de tipo, como os nomes genéricos apresentam. Podemos observar tal característica dos nomes genéricos em “o hospital”, (3), que corresponde a um tipo de lugar em que as regras de higiene foram introduzidas, sendo um genérico.

(3) No século XVIII, as regras de higiene foram introduzidas *no hospital* no mundo ocidental.

Neste artigo pretende-se abordar o comportamento do definido fraco em português brasileiro em relação ao definido genérico, por meio da perspectiva experimental<sup>15</sup>. Sá (2017) observou, por meio de quatro experimentos *off-line*, que fracos e genéricos não apresentariam o mesmo comportamento em inglês americano, o que evidenciaria que tais leituras seriam diferentes categorias de definitude. Nosso objetivo foi verificar se os mesmos resultados seriam encontrados em português brasileiro por meio da reaplicação de experimentos realizados em inglês americano por Sá (2017).

A autora realizou tais experimentos em inglês americano sob as justificativas de que a estrutura da língua inglesa facilitaria a análise de dados em experimentos de produção e a construção de itens experimentais, uma vez que a língua quase não possui elipse de sujeito e complementos verbais, e de que o inglês apresentaria morfologia simplificada, pois não apresenta contrações com o artigo definido, que é invariável em gênero e número. Nossa intenção ao utilizar o português brasileiro é motivada por questões opostas às de Sá (2017), em que observamos se distinções morfológicas e sintáticas entre português e inglês podem modificar os resultados. Tal análise se faz importante para a descrição linguística, mais especificamente no campo da semântica, contribuindo com a teorização sobre aspectos de definitude do português brasileiro. Além disso, a reaplicação dos experimentos em outra língua pode conferir maior confiabilidade para as descobertas de Sá (2017), apresentando evidências translinguísticas da teoria de que fracos e genéricos são diferentes categorias de definitude.

Nas seções a seguir serão discutidas mais teorias a respeito do artigo definido e a referência (Seção 1) e o embate entre as teorias do definido fraco (Seção 2), principalmente a discussão sobre uma possível equivalência entre o definido fraco e o genérico. Na seção 3 e

---

<sup>15</sup> Consideramos que a discussão sobre a distinção entre definidos fracos e fortes já foi amplamente debatida (SÁ et al., 2012; SÁ, 2013; BEYSSADE E OLIVEIRA, 2013) e, por isso, focamos na discussão sobre possíveis semelhanças e distinções entre fracos e genéricos.

em suas subseções serão discutidos os experimentos realizados. E por último, apresentamos a conclusão chegada a partir da análise dos resultados obtidos nas reaplicações em português.

## 1. O Artigo Definido e a Referência

A busca por entender quais seriam as operações linguísticas que possibilitam que, em nosso discurso, cheguemos ao significado de uma sentença, permeia as mais diversas áreas de estudos da linguagem. O filósofo Frege (1978) apresenta um dos marcos teóricos dessa busca ao propor a distinção de referência e sentido. Para o autor, o sentido seria como apresentamos a referência, o conceito associado à expressão (cf. CANÇADO, 2005; CHIERCHIA, 2003), enquanto a referência seria o objeto designado pelos sentidos. Frege, ao pensar em como chegaríamos ao significado de uma sentença, defende que devemos buscar as condições em que tais sentenças seriam verdadeiras no mundo, verificando seus referentes. Para isso, precisamos avaliar suas partes, por meio de uma análise composicional. Assim sendo, para chegarmos ao significado da sentença (4), precisaríamos saber relacionar as partes da sentença, como conhecer a relação estabelecida entre a expressão determinada pelo artigo definido “o hospital” e seu referente no mundo.

(4) *O hospital* estava tão sujo que foi interditado.

A referência é um problema clássico da teoria semântica, com diversas teorias, tratadas por diferentes abordagens (c.f. CHIERCHIA, 2003; ABBOT, 2010). Os estudos de Frege motivaram teorias sobre qual seria o papel do artigo definido na composição da expressão nominal e Russell (1905) foi um dos primeiros a propor uma teoria de definitude, sugerindo a *unicidade* como propriedade principal do artigo definido. Como afirmamos na introdução, o artigo definido seria responsável por delimitar que o sintagma nominal que ele determina denotaria uma e somente uma entidade no mundo. No exemplo (4) acima, podemos observar que “o hospital” denota um e somente um hospital no mundo e, como propõe Frege, para alcançarmos o significado da sentença precisaríamos reconhecer no mundo o referente de “o hospital”. Neste trabalho, o *definido regular* ou *forte* é visto como a expressão nominal

determinada por um artigo definido que apresenta a propriedade da unicidade proposta por Russell<sup>16</sup>.

Além de determinar nomes com leitura forte, o artigo definido também determina nomes que apresentam uma *leitura genérica*, ou seja, que apresentam como referência um tipo ou um conjunto de indivíduos do mesmo tipo, como defende Carlson (2005), como em (5). Na sentença (5) “o hospital” não apresenta um único hospital individual no mundo, mas um tipo de lugar que transformou o trabalho de parto. Por denotar um único tipo ou categoria no mundo, o definido genérico apresentaria uma unicidade de tipo.

(5) **O hospital** transformou o trabalho de parto.

Ademais, o papel do artigo definido na análise composicional pode romper com a ideia de unicidade, como foi proposto por Carlson e Sussman (2005). Como já mencionado, os autores afirmam que nem sempre o artigo definido apresentará a propriedade de unicidade defendida por Russell e denominam tais casos de *definido fraco*, como no exemplo (6), em que não há em “o hospital” a necessidade de se denotar um e somente um referente no mundo para chegarmos ao significado da sentença. A unicidade de “o hospital” na sentença é questionável, tanto que uma sentença que poderia ser uma continuação para (6) é o período (6a), em que “o hospital” teria não somente um referente no mundo, mas, pelo menos, três: Hospital das Clínicas, Hospital Risoleta Neves e Hospital Belo Horizonte.

(6) As vítimas do acidente no Anel Rodoviário foram levadas para **o hospital**.

(6a) Duas pessoas, em estado mais crítico, foram levadas para **o Hospital das Clínicas**, outras três, para o **Hospital Risoleta Neves**, ainda há o relato que uma vítima com ferimentos leves teria sido levada para o **Hospital Belo Horizonte**.

Os substantivos que recebem a leitura fraca são descritos por Carlson et al. (2013) como detentores de certas particularidades<sup>17</sup>. A primeira é que pode se perceber que os nomes sempre pertencem a algumas categorias que os autores consideram clássicas, como transporte coletivo (ônibus, trem, metrô), meios de comunicação (jornal, TV, telefone), serviços

---

<sup>16</sup> Outras visões sobre o papel do artigo definido em uma perspectiva composicional podem ser vistas em Donnellan (1966), Heim (1982), Abbot (2004).

<sup>17</sup> Para uma discussão mais detalhada das propriedades em língua portuguesa, ver Sá et al (2016) e Sá (2013).



(hospital, médico, cinema), entre outras. Contudo, uma lista de palavras não é suficiente para determinar os nomes que recebem uma leitura fraca, pois nem sempre uma expressão nominal definida que apresenta uma leitura fraca em uma língua, apresentará a mesma leitura fraca em outra. Além disso, características intrassentenciais se mostraram importantes na leitura fraca, por exemplo, percebeu-se que, em português brasileiro, o definido fraco ocorre mais em posição sintática de objeto ou adjunto (SÁ et al., 2016), e que, nas línguas em que houve descrição do fenômeno, os fracos fazem parte de construções específicas como “ir ao banheiro/ir ao hospital” (CARLSON et al., 2013) e KLEIN et al., 2013). Tais características, combinadas a outras descritas por Carlson e Sussman (2005), Carlson et al. (2006), Carlson et al. (2013), Klein et al. (2013), Aguilar Guevara e Zwarts (2010, 2013), motivaram teorias sobre o definido fraco, descritas na próxima seção.

## 2. Teorias Sobre O Definido Fraco

Há, pelo menos, duas grandes teorias sobre o definido fraco que motivam nosso trabalho: a teoria de Carlson e seus colaboradores (2013), e o que aqui chamaremos de teoria do genérico, de Aguilar-Guevara e Zwarts (2010, 2013)<sup>18</sup>.

Carlson et al. (2013) e Klein et al. (2013) defendem que o definido fraco seja uma categoria da definitude, que, como já discutido, não apresenta a propriedade da unicidade. Os autores realizaram uma série de experimentos para investigar tal categoria, demonstrando em seus dados características como falta de unicidade, enriquecimento semântico e que fariam parte de um processo de incorporação semântica, do sintagma verbal ou do sintagma preposicionado<sup>19</sup>. Sá (2017) discute em sua tese que essa teoria da incorporação evidencia o rompimento da propriedade de unicidade defendida por Russell (1905). Neste artigo, evidenciamos nossa investigação nesse fato de que o fraco seria para Carlson et al. (2013), uma diferente categoria de definitude que se diferencia das outras por não apresentar unicidade por si só.

---

<sup>18</sup> Para outras teorias, ver Beyssade e Oliveira (2013).

<sup>19</sup> Para entender melhor a proposta dos autores, ler Klein et al. (2013), Carlson et al. (2013). Para uma outra visão de incorporação, ler Schwarz (2013).



Já Aguilar-Guevara e Zwarts (2010, 2013) propõem que a leitura fraca é equivalente à genérica, referindo-se a um tipo e, conseqüentemente, apresentando a propriedade da unicidade de tipo. Para os autores, o definido fraco e o genérico seriam algo como “representações de um mesmo fenômeno” (2010, p. 15). Eles defendem que os fracos fazem referência a um tipo de objeto: para eles é como se em (7) fosse o tipo de leitura, jornal, e não livro, por exemplo. Como Sá (2017, p. 34) afirma “(eles) apontam uma leitura genérica do definido fraco, seja do NP propriamente, ou do VP em que o NP está incorporado, salvando a propriedade da unicidade”.

(7) João soube da notícia no jornal.<sup>20</sup>

Para Aguilar-Guevara e Zwarts (2010, 2013), a ideia de incorporação do sintagma verbal ou preposicional não seria a resposta para solucionar a questão acerca do definido fraco, apesar de acreditarem na existência desse fenômeno. Para os autores, o mais importante é investigar o sintagma nominal determinado pelo artigo definido, o que Sá (2017) busca realizar por meio de um paradigma experimental, contrastando fracos e genéricos.

Nosso estudo também busca investigar o sintagma nominal determinado pelo artigo definido, contrastando definidos fracos e genéricos por meio das reaplicações dos estudos de Sá (2017) em língua portuguesa. Dessa forma, podemos validar a teoria da autora de que o definido fraco seria uma categoria de definitude distinta do definido genérico e do definido regular ou forte, indo de encontro à teoria de Aguilar-Guevara e Zwarts (2010, 2013) e confirmando o proposto por Carlson et al. (2013) e Klein et al. (2013). Ademais, utilizamos o português brasileiro para observarmos se a distinção morfossintática entre português e inglês pode variar os resultados. Acreditamos que tal análise contribuiria com a teorização sobre aspectos de definitude do português brasileiro.

### 3. Experimentos

---

<sup>20</sup> Exemplo retirado de Sá (2017).

Com o intuito de verificar se fracos e genéricos apresentariam a mesma categoria de definitude, Sá (2017) realizou uma análise de *corpus* em português brasileiro e quatro experimentos *off-line* em língua inglesa. Nosso trabalho consiste na reaplicação dos experimentos em língua portuguesa como forma de validação dos dados obtidos pela autora e de análise sobre possíveis diferenças entre as línguas em relação ao processamento do artigo definido.

Os experimentos realizados foram: Julgamento (subseção 4.2), Decisão Forçada (subseção 4.3), Completação Livre (subseção 4.4) e Completação Forçada (subseção 4.5). Na próxima subseção discorreremos sobre os materiais utilizados nos experimentos, sendo importante observar que todos os experimentos fizeram uso das mesmas sentenças.

### 3.1 Materiais

Foram traduzidas para o português brasileiro as cinquenta e quatro frases utilizadas nos experimentos em inglês<sup>21</sup>. Nessas frases encontravam-se dezoito sentenças de cada uma das três condições: forte, fraca e genérica, como nos exemplos (8), (9) e (10). Em (8), “a academia” possui prototipicamente uma leitura forte, com unicidade, trata-se da academia que Sara venderá devido à crise econômica. Já em (9), o sintagma “a academia” seria fraco, segundo a concepção de Carlson e Sussman (2005), pois há quebra da unicidade, não sendo necessário o reconhecimento de uma academia específica para se atingir o significado da sentença, pode ser qualquer academia, inclusive Ana pode ir a diferentes academias com a finalidade de se exercitar. Em (10), o mesmo sintagma “a academia”, analisado nas frases anteriores, prototipicamente acarreta a leitura genérica, porque não denota uma academia específica, mas sim a categoria academia, apresentando uma unicidade de tipo, seriam os romanos que criaram esse tipo de coisa, academia, com o objetivo de distrair as pessoas.

(8) Sara vendeu **a academia** por causa da crise.

(9) Ana vai **à academia** a fim de exercitar-se.

---

<sup>21</sup> Ao traduzir as frases para o português, fizemos a mudança de alguns nomes próprios de pessoa e lugares para melhor se adaptar à realidade do participante.



(10) Os romanos implantaram *a academia* para fornecer distração às pessoas.

Assim com em Sá (2017), as mesmas sentenças foram usadas em todos os experimentos, que serão descritos nas próximas seções<sup>22</sup>. Tais sentenças foram divididas em três *scripts*, cada *script* continha 18 sentenças experimentais (seis na condição fraca, seis na forte e seis na genérica), de forma que os sujeitos que vissem a palavra alvo (ex. academia) em uma das condições (ex. condição fraca) não a veria nas outras duas condições (ex. condições forte ou genérica), ou seja, o sujeito que visse a sentença (8) em um dos experimentos não veria as sentenças (9) e (10).

### 3.2 Julgamento

O primeiro experimento realizado por Sá (2017) foi uma tarefa de julgamento, em que os participantes avaliavam as expressões nominais definidas com leituras classificadas como regular, fraca ou genérica nas sentenças construídas. O mesmo foi feito na reaplicação em português brasileiro.

O sujeito lia uma sentença de cada vez e deveria julgar se a palavra em negrito (palavra alvo que teria a leitura fraca, regular ou genérica) seria um *indivíduo* ou uma *categoria*, por meio de uma escala contínua sem números que apresentava esses termos em seus extremos (Fig. 1). A palavra a ser julgada na Fig.1 é “hospital”, dessa forma, o sujeito deveria ler a sentença e julgar em que grau a palavra estaria mais próxima de conter um sentido individual, de um hospital particular, ou de ser uma categoria, um tipo de lugar. O sujeito poderia mover a seta para qualquer parte da escala até seus extremos, refletindo seu julgamento. A seta a ser movida sempre iniciava no meio da escala. O experimento foi rodado no *software Psiturk*. As 18 sentenças vistas por cada sujeito foram aleatorizadas pelo próprio *software*. Os participantes só viam a palavra alvo em uma das condições.

Maria foi ao **hospital** nesta manhã.  
individual ————— | ————— categoria

<sup>22</sup> A lista completa das sentenças em inglês e em português pode ser encontrada em Sá (2017).

**Fig. 1:** Tela da tarefa de julgamento com a sentença contendo a palavra “hospital” a ser julgada e a escala.

Assim como no experimento em inglês, para que os conceitos individual e categoria ficassem claros, as instruções continham uma explicação. Os sujeitos eram instruídos a julgar como “indivíduo” a palavra em negrito na sentença que se remetesse a um indivíduo particular no mundo. Já em casos em que a palavra na sentença se remetesse a uma categoria, sem indivíduos particulares, ela deveria ser classificada como “categoria”, exemplos dos dois casos foram dados. O participante também foi instruído que poderiam acontecer casos em que não seria tão fácil realizar o julgamento e que o sujeito era livre para mover a seta para qualquer lugar da escala que refletisse seu julgamento.

Como em inglês, o objetivo era observar o julgamento consciente do participante sobre os materiais criados. Como as sentenças nas condições forte (ou regular) e genérica eram consideradas prototípicas, esperava-se que o nome com leitura regular, como ele apresenta um único referente identificável no mundo, seria classificado mais próximo do eixo “indivíduo” pelos sujeitos. Já a expressão nominal definida com leitura genérica, por apresentar um único tipo, uma categoria no mundo, seria marcada mais próxima do eixo “categoria” na escala. Com relação ao fraco, assim como no experimento em inglês, era esperado que, se a teoria de Aguilar-Guevara e Zwarts fosse verdadeira, fracos e genéricos apresentariam julgamentos semelhantes, próximos ao eixo “categoria”. Se fossem uma outra categoria de definitude, seu julgamento seria distinto das demais leituras.

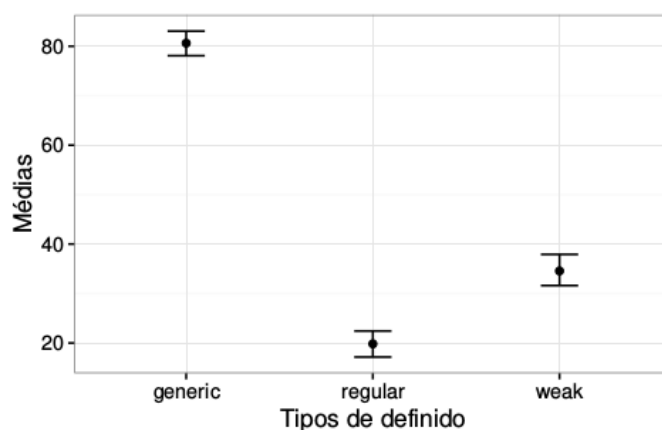
### **3.2.1 Participantes**

30 alunos de graduação (24 mulheres), após a aceitação de um termo de consentimento livre e esclarecido, com idades de 18 a 52 anos (média 27.2) realizaram o experimento em um mesmo computador.

### **3.2.2 Resultados**

Como no experimento original, na programação do experimento, foram atribuídos números de 0 a 100 à escala, de forma contínua, sendo 0, individual, e 100, categoria. A primeira medida analisada foram as médias de julgamento por tipo de definido.

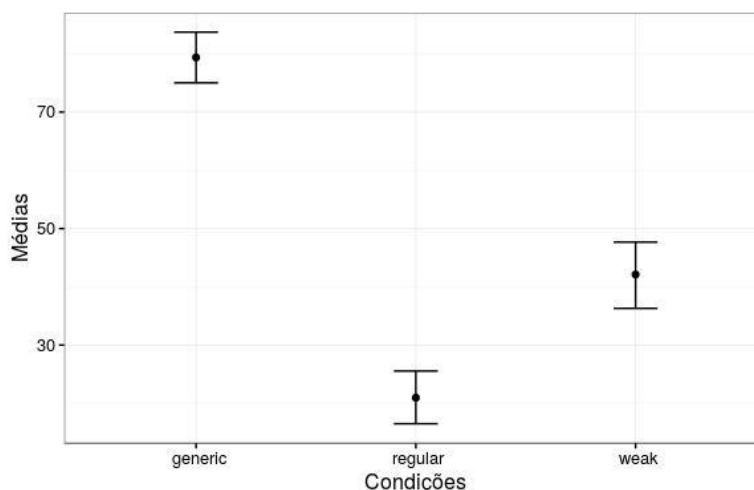
Como esperado, em inglês (Fig. 2), a média dos julgamentos dos nomes genéricos foi mais próxima do eixo categoria, 80,63, enquanto a média dos nomes com leitura regular se manteve próxima ao eixo do indivíduo, 19,82. O definido fraco apresentou uma média mais próxima da média dos definidos regulares do que dos definidos genéricos, 34,56, mas é significativamente diferente dos dois outros tipos de definidos.



**Fig. 2:** Médias dos julgamentos (de indivíduo para categoria) por condição em inglês (SÁ, 2017, p.66).

Em português, os dados obtidos foram próximos do inglês (Fig. 3). A média dos julgamentos dos nomes genéricos foi mais próxima do eixo categoria, 79,4, enquanto a média dos nomes com leitura regular se manteve próxima ao eixo do indivíduo, 21. Contudo, o definido fraco apresentou um maior distanciamento tanto dos regulares quanto dos genéricos, com uma média de 42,1, ainda significativamente diferente dos dois outros tipos de definidos<sup>23</sup>.

<sup>23</sup> Análise estatística por meio de um modelo linear misto, rodado pelo pacote LME4 no R [lmerMod]. Fórmula:  $data \sim condition + (1 + condition | subject) + (1 + condition | item)$ . Controle: `lmerControl(optimizer = "bobyqa")`. Condição fraca em contraste com a genérica, estimativa = -37.272, erro padrão= 5.935, t-valor= -6.28.



**Fig. 3:** Médias dos julgamentos (de indivíduo para categoria) por condição em português.

### 3.2.3 Discussão

Assim como em inglês, em português as três condições apresentaram diferentes médias de julgamentos. Os julgamentos dos definidos genéricos se apresentaram no eixo oposto dos definidos regulares. Enquanto os regulares, ou fortes, possuem a propriedade da unicidade de indivíduo, sendo classificados como individual em nossa escala, os genéricos apresentam uma unicidade de tipo e, por isso, são classificados como categoria. O definido fraco apresentou uma média significativamente diferente das outras duas, próxima da metade da escala, de forma mais robusta do que Sá (2017) encontrou em inglês. Tais dados são fortes indícios de que fracos e genéricos possuem diferentes distribuições, o que não condiz com a tese Aguilar-Guevara e Zwarts (2013). Os dados de Sá (2017) foram corroborados.

### 3.3 Decisão Forçada

O segundo experimento replicado foi o de decisão forçada. O experimento consistia na decisão consciente do sujeito entre duas possíveis continuações para a sentença: um

referente novo (Um X....) ou uma expressão anafórica (Esse ou Essa X...) (Fig. 4). O sujeito clicava na continuação que ele achava o melhor início de continuação para a sentença. O experimento foi realizado através da plataforma SONA, que aleatorizava automaticamente os itens experimentais e a ordem de exibição das duas escolhas.

Maria foi ao hospital pela manhã.  
Esse hospital...                      Um hospital...

**Fig. 4:** Tela da tarefa de decisão forçada com a sentença e as possíveis escolhas de continuação.

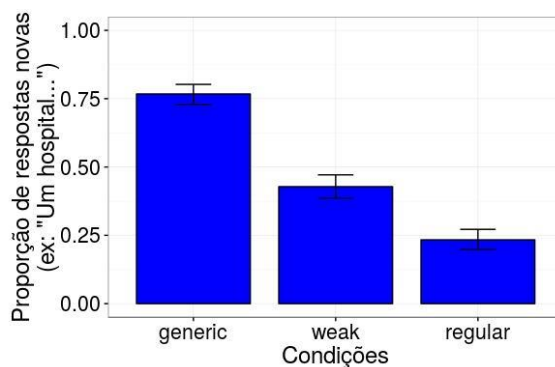
Assim como no inglês, o experimento foi baseado na ideia de que como os definidos regulares são vistos como individuais, apresentando unicidade, esperava-se que os participantes optassem pela escolha anafórica (Esse ou essa X...), retomando o objeto que já estaria presente no discurso (cf. ALMOR, 1999). O mesmo tipo de escolha não pode ser esperado para o definido genérico, pois não apresenta a unicidade de indivíduo, tornando a retomada mais difícil e a escolha por um novo referente mais provável. Já no caso dos definidos fracos, se eles realmente forem genéricos, como propõe Aguilar-Guevara e Zwarts (2010, 2013), eles teriam um comportamento similar ao dos genéricos, com maior probabilidade de escolha do novo referente.

### 3.3.1 Participantes

O experimento contou com a participação de noventa pessoas (52 mulheres), com o ensino médio completo e idade média de vinte e dois anos.

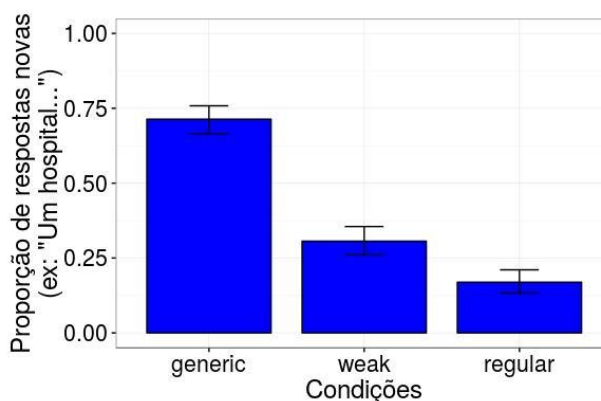
### 3.3.2 Resultados

Assim como no inglês, foram encontrados padrões diferentes para as três leituras em português (Fig. 6). Como esperado, em inglês, Sá (2017) observou que as sentenças que continham definidos genéricos tiveram como preferência por sua continuação um novo referente, 76,7% das vezes, enquanto com a leitura forte a preferência pelo novo foi de somente 23,4%. O definido fraco se mostrou significativamente diferente do genérico, a decisão por um novo referente aconteceu 42,9% das vezes (Fig. 5).



**Fig. 5:** Proporção de escolha do novo referente (ex. Um hospital...) por condição em inglês (SÁ, 2017, p.72).

Em português também encontramos o esperado para forte e genérico e uma diferença significativa entre fracos e genéricos (Fig. 6). As sentenças com o definido regular foram menos completadas com o novo, 16,9%, e as com o definido genérico com o maior número de continuação com um novo referente, 71,3%. O fraco aparece novamente significativamente<sup>24</sup> diferente do genérico, pois a decisão por um novo referente ocorreu 30,6% das vezes.



<sup>24</sup> Análise estatística por meio de um modelo de regressão logística binomial rodado pelo pacote LME4 no R [‘glmerMod’]. Fórmula: choice == data ~ condition + (1 + condition | subject) + (1 | item). Controle: lmerControl(optimizer = "bobyqa"). Condição fraca em contraste com a genérica, estimativa = -2.3165, erro padrão= 0.3160, z-valor= -7.331, p<0.001.



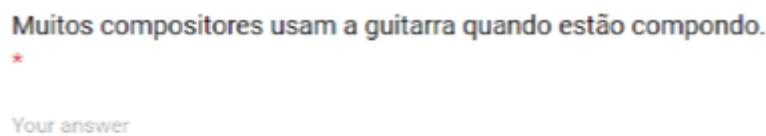
**Fig. 6:** Proporção de escolha do novo referente (ex. Um hospital...) por condição em português.

### 3.3.3 Discussão

Os resultados obtidos confirmam os resultados obtidos por Sá (2017), o que desfavoreceria a teoria de Aguilar-Guevara e Zwarts (2010, 2013), pois a leitura fraca apresentou dados diferentes do genérico, se comportando como diferentes categorias de definitude.

### 3.4 Completação<sup>25</sup> livre

A tarefa consistia na criação de uma continuação para as sentenças experimentais, ou seja, os participantes deveriam criar uma sentença que continuasse a anterior da forma que desejassem (Fig. 7). O experimento foi montado na plataforma *online Google* Formulários, que aleatorizava automaticamente as sentenças.



**Fig. 7:** Tela da tarefa de completação livre com a sentença contendo a palavra “guitarra” acompanhada de o campo disponível para ser escrita a continuação da sentença.

Além de observar se fracos e genéricos teriam completações semelhantes, o que corroboraria a teoria de Aguilar-Guevara e Zwarts, o experimento pretendia observar a repetição da palavra alvo (ex. guitarra) na frase a ser criada pelos participantes. A hipótese de Sá (2017) era que se o definido fraco estivesse incorporado ao VP, como defendido por

---

<sup>25</sup> O termo “completação” foi utilizado como uma tradução do inglês do termo *completion* por decisão das autoras, por tentarem manter uma nomenclatura similar à utilizada nos experimentos de Sá (2017).

Carlson et al. (2013), sua repetição seria menos provável do que em casos em que a incorporação não aconteceria, como nas condições regular e genérica.

### 3.4.1 Participantes

Foram setenta e três pessoas (53 mulheres) participantes do experimento em língua portuguesa. Os participantes tinham entre dezoito a trinta anos, com o ensino médio completo.

### 3.4.2 Resultados

Na análise dos resultados, o número de repetição da palavra alvo (por exemplo, guitarra) foi avaliado. Em inglês, foram contabilizadas como repetição da palavra alvo as ocorrências em que houve a repetição da palavra alvo por pronome, DP (qualquer tipo de determinante + palavra alvo) e nome no plural ou singular (palavra alvo sem determinante).

Além dos tipos de ocorrência que foram contabilizadas em inglês, em português, contabilizamos outro tipo de repetição, por elipse. Diferentemente do inglês, em português repetimos um referente por meio de elipse. Dessa forma, consideramos a elipse na posição sintática de sujeito em que se era clara a repetição da palavra alvo. Abaixo seguem alguns exemplos de repetição em português (10-13)<sup>26</sup>.

(10) **Sentença experimental:** Matheus foi à ópera com seus amigos.

**Continuação do participante:** *e lá encontrou uma namorada.*

(11) **Sentença experimental:** Matheus foi à ópera com seus amigos

**Continuação do participante:** *e se apaixonou por ópera.*

(12) **Sentença experimental:** O grande compositor alemão, Wagner, mudou a ópera para sempre.

---

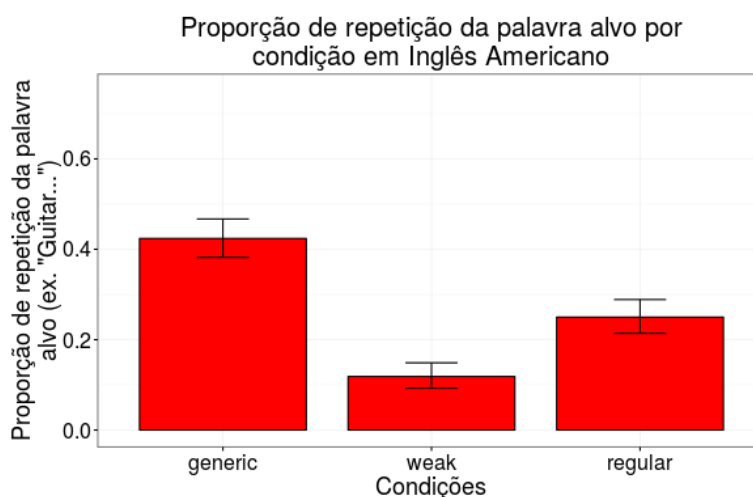
<sup>26</sup> Todas as continuações de participantes trazidas como exemplo estão exatamente como foram feitas, sem correções ortográficas, de concordância etc. Para exemplos em inglês ver Sá (2017, p. 74-78).

**Continuação do participante:** *Um talento inigualável, que ensinou ao mundo como sentir a ópera e não apenas ouvi-la.*

(13) **Sentença experimental:** Na terça-feira, pegamos o metrô para a estação Vilarinho.

**Continuação do participante:** *e estava lotado.*

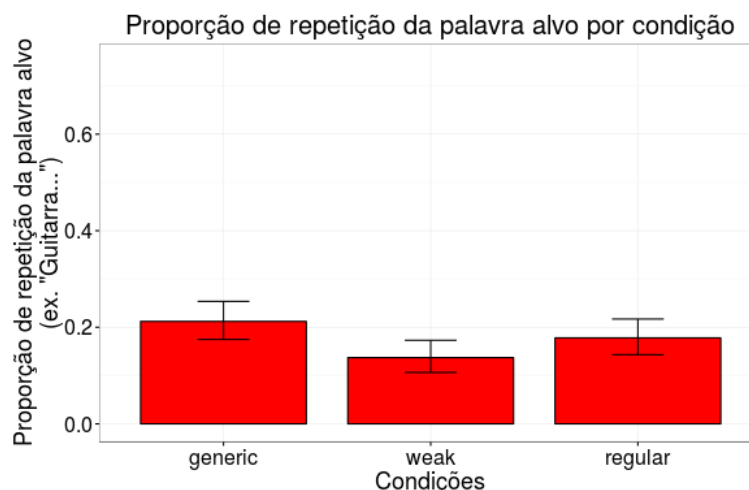
No experimento em inglês (Fig. 8), Sá (2017) confirmou a hipótese de Carlson et al. (2013), sendo repetida a palavra alvo significativamente menos na condição fraca, 11,9%. A condição genérica apresentou uma maior frequência de repetição, 42,4%, e a palavra alvo com leitura forte foi repetida 25,5% das vezes. Além disso, a falta de equivalência dos dados entre fracos e genéricos demonstraram categorias com diferentes comportamentos.



**Fig. 8:** Proporção de repetição da palavra alvo (ex. Guitarra...) por condição em inglês americano (SÁ, 2017, p.76).

Na reaplicação do experimento (Fig. 9) em português também foi encontrado três comportamentos significativamente distintos<sup>27</sup>, refutando a teoria de Aguilar-Guevara e Zwarts (2013). A palavra alvo com leitura fraca foi repetida 13,7%, enquanto a genérica foi repetida 21,2% e a regular 17,8%.

<sup>27</sup> Análise estatística por meio de um modelo de regressão logística binomial rodado pelo pacote LME4 no R [‘glmerMod’]. Fórmula: choice == data ~ condition + (1 + condition | subject) + (1 | item) . Controle: lmerControl(optimizer = "bobyqa"). Condição fraca em contraste com a genérica, estimativa = -0.6234 , erro padrão= 0.3116 , z-valor= -2.000, p<0.05.



**Fig. 9:** Proporção de repetição da palavra alvo (ex. Guitarra...) por condição em português.

Mais alguns dados retirados do experimento em português podem ser vistos nos exemplos (14), (15) e (16) abaixo:

(14) **Sentença experimental (condição genérica):** Muitos compositores usam a guitarra quando estão compondo.

**Continuação do participante:** *Ela os ajuda a compor de acordo com um ritmo.*

(15) **Sentença experimental (condição fraca):** Jim Hendrix tocava a guitarra melhor que qualquer um.

**Continuação do participante:** *Sabia como manuseá-la corretamente.*

(16) **Sentença experimental (condição regular):** Samuel vendeu a guitarra ano passado.

**Continuação do participante:** *Ainda bem! Porque até hoje ele acredita que para se tocar guitarra precisa-se de arco.*

### 3.4.3 Discussão

No experimento em inglês, Sá (2017) concluiu que os definidos fraco e o genérico possuem um padrão diferente, sendo a palavra com leitura fraca menos repetida. Esse fato confirma a teoria da incorporação, no qual o objeto não tem importância por si só, e sim o evento como um todo, como no exemplo (1), o evento “ir ao hospital”. Em português brasileiro, a análise dos dados corrobora os resultados obtidos, porém pode-se observar uma diminuição das repetições nas categorias forte e, mais drasticamente, na genérica.

Acreditamos que tal mudança pode ser atribuída às diferenças de ordem morfosintática entre as duas línguas. Apesar de ser altamente aceitável a leitura genérica aparecer sob forma de expressão nominal definida, sua baixa ocorrência já havia sido apontada por Carlson (2005). A baixa frequência da forma em língua inglesa pode ter influenciado o alto número de repetições da palavra alvo em inglês com a leitura genérica. Contudo, tal fato só pode ser considerado graças à reaplicação em português, que aparentemente apresenta uma maior naturalidade dos falantes em relação à avaliação da leitura fraca sob forma de expressão nominal definida.

### 3.5 Completação forçada

O experimento de completção forçada possui algumas semelhanças com o experimento anterior (Fig. 10), pois os sujeitos deveriam escrever uma sequência para a sentença lida. A diferença se encontra no fato de que os participantes eram forçados a repetir a palavra alvo, que vinha entre aspas. Nada foi dito em relação aos determinantes das palavras ou em relação a possíveis formas de repetição.

Além das sentenças experimentais, assim como no experimento em inglês, os sujeitos ainda completaram 36 sentenças distratoras, com o objetivo de manter o sujeito inocente em relação à tarefa. O experimento foi montado na plataforma *online Google Formulários*, que aleatorizava automaticamente as sentenças.

Os gregos inventaram o 'espelho' há muito tempo. \*

Your answer

**Fig. 10:** Tela da tarefa de completção forçada com a sentença contendo a palavra “espelho” junto ao campo disponível para ser escrita a continuação da sentença.

A intenção do experimento foi analisar a forma de repetição da palavra alvo. Em inglês, esperava-se que, sendo a sentença estímulo uma sentença em que a palavra alvo se

encontrava na condição genérica, haveria uma maior chance que a repetição fosse realizada com formas que são mais frequentes ao nome genérico em inglês, como o *nu* plural (*bare plural*). Tais formas eram esperadas em menor frequência nas expressões definidas regulares, que tenderiam a aparecer como retomada anafórica sob a forma de pronome, expressão nominal definida (cf. GUNDEL, HEDBERG e ZACHARSKI, 1993). Em português, sabemos que o nome singular *nu* e o nome plural *nu* também são relacionados ao genérico, enquanto formas pronominais, o nome determinado pelo artigo definido e a elipse são formas para retomada anafórica, que é esperada na condição forte. Dessa forma, caso as formas de fraco e genérico se equivalessem em qualquer uma das línguas, teríamos uma evidência que serviria de suporte à teoria de Aguilar-Guevara e Zwarts (2013).

### 3.5.1 Participantes

Nesse experimento, trinta e seis pessoas participaram (25 mulheres). Os sujeitos tinham entre dezoito a quarenta e três anos e, pelo menos, o ensino médio completo.

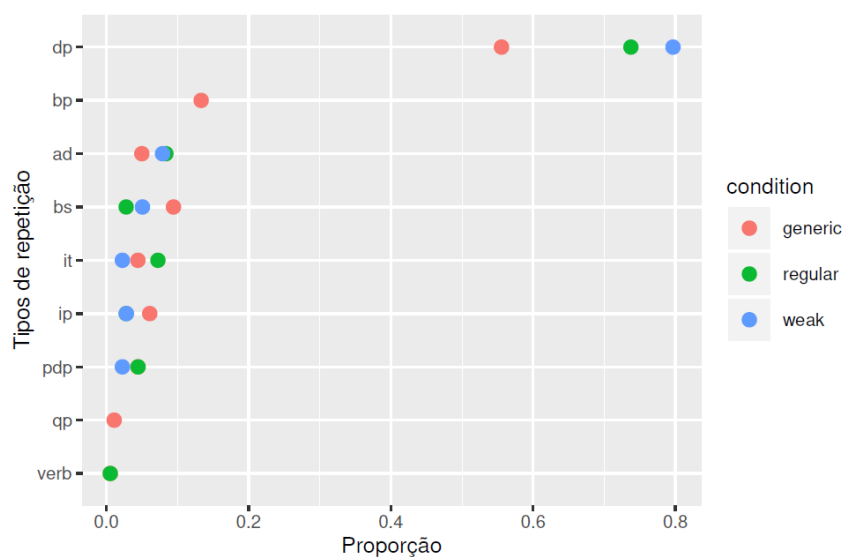
### 3.5.2 Resultados

Os resultados obtidos por Sá (2017) para o inglês (Fig. 11) demonstraram que o nome determinado pelo artigo definido (que os autores chamaram de *dp* no eixo *y* da Figura) foi a forma mais frequente de repetição em todas as condições, o que esperado pelo efeito de *prime*, em que os nomes nos estímulos também apareciam na forma artigo definido mais nome. Na condição genérica, o segundo tipo de repetição mais frequente em inglês foi o nome plural *nu* (que foi chamado de *bp* - *bare plural* - na Figura), sendo a única condição que apresenta esse tipo de retomada<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> Para exemplos das formas utilizadas para a repetição em inglês, leia Sá (2017, p.78-82).





**Fig. 11:** Proporção dos tipos de repetição por condição em inglês americano (SÁ, 2017, p.79).

Os resultados do português se encontram na Fig.12 e, assim como no inglês, a forma mais utilizada para retomada em todas as condições é a do nome determinado pelo artigo definido (que chamamos de dp no eixo y da figura). Além disso, apareceram repetições nas formas: pronome + nome (pdp), nome singular nu (bs), artigo indefinido + nome (ip), artigo definido plural + nome plural (dpp), nome plural nu (bp), quantificador + nome (qp). Como podemos observar, ao contrário do inglês, quase todas as formas ocorreram em todas as posições. Além disso, a ocorrência em outra forma que não fosse a de artigo definido + nome ocorreram em tão baixa frequência que falta poder estatístico para observar se as diferenças seriam significativas. Dessa forma, os dados em português não corroboram os dados de Sá (2017).

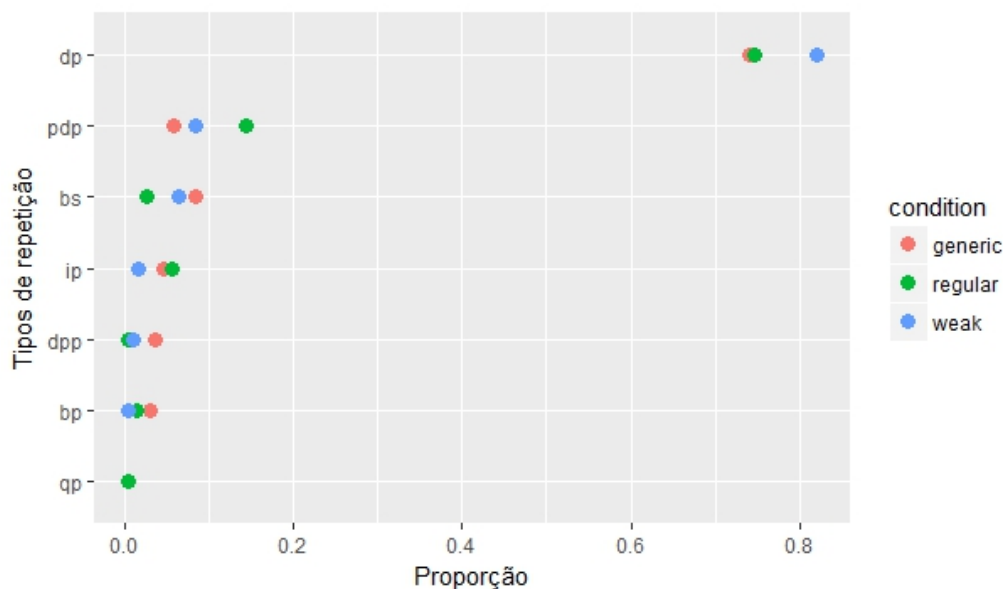


Fig. 12: Proporção dos tipos de repetição por condição em português.

Alguns dados retirados do experimento em português podem ser vistos nos exemplos (16), (17) e (18) abaixo:

(16) **Sentença experimental (condição genérica):** Nova Iorque foi a primeira cidade a implantar o metrô em 1869.

**Continuação do participante:** *Atualmente temos metros em todas as grandes cidades do mundo.*

(17) **Sentença experimental (condição fraca):** Arthur lê o jornal todas as manhãs.

**Continuação do participante:** *Ele compra jornais todo dia.*

(18) **Sentença experimental (condição regular):** Jéssica quebrou o espelho aquela noite.

**Continuação do participante:** *A menina Jéssica é muito descuidada quando se trata de espelhos.*

### 3.5.3 Discussão

Comparando os resultados do inglês e do português, é possível perceber que os resultados apresentam um padrão diferente nas duas línguas. No inglês a repetição BP (*bare plural*) só foi encontrada na leitura genérica, enquanto no português ela foi encontrada nas três categorias. Além disso, o número de ocorrência é tão baixo nas categorias que não há poder estatístico para se estabelecer se há uma diferença significativa entre uma ou outra

forma. Assim, os dados não corroboram Sá (2017) e não fazem distinção entre nenhuma das três categorias de definitude. Não só fracos e genéricos não apresentam características distintas, como também fraco e regular, regular e genérico não se distinguem.

Tais resultados podem ser, mais uma vez, uma questão da distinção morfossintática entre as línguas inglês e português. Como afirmamos, apesar de o inglês apresentar a forma artigo + nome como uma forma morfossintática da leitura genérica, a mesma não é tão frequente, enquanto a forma do nome plural nu é frequente como genérico. Em português, faltam estudos de *corpus* que investiguem a frequência das formas nominais do nome genérico. Temos uma intuição de que há uma maior flexibilidade entre as possíveis formas de determinação do nome e suas leituras referenciais.

#### **4. Discussão Geral**

A discussão sobre o papel do artigo definido em uma visão composicional tem permeado importantes discussões no cenário dos estudos semânticos (cf. KLEIN et al, 2013; BEYSSADE E OLIVEIRA, 2013; ABBOT, 2010; CHIERCHIA, 2003). Nosso objetivo era reaplicar experimentos realizados em língua inglesa por Sá (2017) em língua portuguesa com o intuito de validar os dados encontrados e observar possíveis mudanças causadas pelas distinções morfossintáticas entre as línguas.

Os dados de Sá (2017) foram corroborados no experimento de Julgamento, Decisão Forçada e Completação livre. A distinção presente entre fracos e genéricos nesses experimentos dá suporte à teoria de que o definido fraco é uma categoria de definitude, distinta de genéricos, ao contrário do que propõem Aguilar-Guevara e Zwarts (2010, 2013). No experimento de Julgamento, por exemplo, as três diferentes médias para as três leituras confirmam o fraco como categoria e, além disso, a diferença encontrada na leitura fraca em português brasileiro e inglês, em que o português apresenta dados mais robustos para uma terceira categoria de definitude, deixa ainda mais clara uma distinção entre fracos, fortes e genéricos.

Tais dados, junto aos dados obtidos nos experimentos de Decisão Forçada e Completação Livre, permitem-nos dizer que os dados de Sá (2017) parecem ser confirmados translinguísticamente e, dessa forma, contribuir para a ciência linguística.

Na completação livre, apresentaram ainda uma significativa diferença entre as leituras fraca e genérica, mas o índice de repetição da leitura genérica teve uma drástica diminuição em língua portuguesa. Os dados em língua portuguesa permitiram observar possíveis efeitos de frequência nos dados do inglês e permitiram a observação de que a língua portuguesa aparenta ter uma maior naturalidade em relação a expressões com leituras genéricas expressas por artigo definido + nome.

Na completação forçada, os dados de Sá (2017) não foram corroborados e não se encontraram distinções na morfossintaxe de repetição nem de fracos e fortes, nem de fracos e genéricos, nem de fortes e genéricos, o que nos faz questionar mais uma vez as diferenças morfossintáticas entre inglês e português em relação à propriedade da unicidade e, conseqüentemente, ao papel dos determinantes do português em uma teoria composicional.

Como discutido, o inglês não apresenta grande frequência de ocorrência da expressão genérica, com o nome sendo determinado por um artigo definido, enquanto a forma do nome plural *nu* é frequente como genérico. Em português, faltam estudos que apurem a frequência das formas nominais do nome genérico, assim como das outras possíveis leituras em uma perspectiva composicional que tem o determinante como parte importante da identificação do referente que ele quantifica.

Temos uma intuição de que há uma maior flexibilidade entre as possíveis formas de determinação do nome e suas leituras referenciais em português brasileiro e acreditamos que as observações que trazemos em nossos dados motivam futuros estudos sobre a ocorrência de tais dados em *corpus* e em experimentos que comparem como os falantes nativos de português brasileiro lidam com as várias formas que a leitura genérica pode vir, como o *nu* singular e o plural, o nome determinado por um artigo indefinido, por um artigo definido singular ou plural. Assim, contribuímos para a discussão sobre o artigo definido e a referência em língua portuguesa, mas acreditamos que mais dados de origem quantitativa e qualitativa sejam necessários para melhor entendermos o sistema de definitude de nossa língua.

## Referências:

- ABBOT, Barbara. Definiteness and indefiniteness. In: HORN, Laurence R.; WARD, Gregory. *Handbook of Pragmatics*. Oxford, Blackwell, p. 122-149, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Reference*. Oxford, Oxford University Press, 2010.
- AGUILAR-GUEVARA, Ana.; ZWARTS, Joost. Weak definites and reference to kinds. *Proceedings of SALT*, Ithaca, NY: CLC Publications, no.20, p. 179-196, 2010.
- \_\_\_\_\_. Weak definites refer to kinds. *Weak definites across Languages*, Recherches Linguistiques de Vincennes, v. 42, p. 33–60, 2013.
- ALMOR, Amit. Noun-phrase anaphora and focus: The informational load hypothesis. *Psychological Review*, Providence, no. 106, p. 748–765, 1999.
- BEYSSADE, Claire.; OLIVEIRA, Roberta Pires de. *Weak definites across Languages*. [S.l.]: Recherches linguistiques de Vincennes. v. 42, 2013.
- \_\_\_\_\_. Weak definites refer to kinds. In: BEYSSADE, Claire.; OLIVEIRA, Roberta Pires de. *Weak definites across Languages*. Recherches linguistiques de Vincennes, no.42, p.33-60, 2013.
- CANÇADO, Márcia. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2005.
- CARLSON, Greg. Generic reference. In: BROWN, Keith. (Ed.). *The Encyclopedia of Language and Linguistics*. Amsterdam, Elsevier, p.1-4, 2005.
- CARLSON, Greg.; SUSSMAN, Rachel.; KLEIN, Natalie.; TANENHAUS, Michael. Weak definites noun phrases. *Proceedings of NELS*, Amherst, v. 36, p. 179–196, 2006.
- CARLSON, Greg.; KLEIN, Natalie.; GEGG-HARRISON, Whitney.; TANENHAUS, Michael. Weak definites as a form of definiteness: Experimental investigations. *Weak definites across Languages*, Recherches Linguistiques de Vincennes, v. 42, p. 11–32, 2013.
- CARLSON, Greg.; SUSSMAN, Rachel. Seemingly indefinite definites. In: KEPSAR, . M. R. S.(Ed.). *Linguistic Evidence*, Berlin: de Gruyter, 2005.
- CHIERCHIA, Gennaro. *Semântica*, Campinas, Editora Unicamp, 2003.
- DONNELLAN, Keith. Reference and Definite Descriptions. *In Semantics: An Interdisciplinary Reader in Philosophy, Linguistics and Psychology*, Londres, Cambridge University Press, p. 100–114, 1966.
- FREGE, Gottlob. *Lógica e filosofia da linguagem*, São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.
- GUNDEL, Jeanette.; HEDBERG, Nancy.; ZACHARSKI, Ron. Cognitive status and the form of referring expressions in discourse. *Language*, v. 69, no. 2, p. 274–307, jun.1993.
- HEIM, Irene. The semantics of definite and indefinite noun phrases. In: HANKAMER, Jorge. (Ed.). *Outstanding dissertations in Linguistics*, New York, Garland Publishing Inc., 1982.
- KLEIN, Natalie.; GEGG-HARRISON, Whitney.; CARLSON, Greg.; TANENHAUS, Michael. Experimental investigations of weak definite and weak indefinite noun phrases. *Cognition*, v.128, p.187-213, 2013.

ROBERTS, Craige. Uniqueness in definite noun phrases. *Linguistics and Philosophy*, Netherlands, v. 26, no.3, p. 287-350, 2003.

RUSSELL, Bertrand. On denoting. *Mind*, New Series, Londres, v. 14, p. 479–493, 1905.

SÁ, Thaís Maíra Machado de. *Definido fraco e definido genérico: duas faces do mesmo fenômeno? Uma investigação experimental*. 2017, 120 f., (Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SÁ, Thaís Maíra Machado de.; SARAMAGO, Maria Emília.; LIMA, Maria Luiza da Cunha. A corpus data of weak definites in Brazilian Portuguese. *Revista da ABRALIN*, v.15, n.1, p. 101-120, jan./jun. 2016.

SÁ, Thaís Maíra Machado de. *Definidos fortes e fracos: um estudo sobre libras*. 2013, 96 f., (Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SÁ, Thaís Maíra Machado de.; SOUZA, Guilherme Lourenço de.; LIMA, Maria Luiza da Cunha.; BERNARDINO, Elidéa Lúcia Almeida. Definiteness in brazilian sign language: a study on weak and strong definites. *ReVEL*, v. 10, p. 21–38, 2012.

SCHWARZ, Florian. Different Types of Definites Crosslinguistically. *Language and Linguistics Compass*, v. 7, no. 10, pages 534–559, 2013.

STRAWSON, Peter Frederick. On referring. *Mind*, New Series, Londres, v. 59, p. 320–344, 1950.

**Recebido em: 15/06/2017**

**Aceito em: 19/08/2017**